



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM  
LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

**ÁDRIA AMÉLIA PEREIRA DE OLIVEIRA**

**A MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL E A IDENTIDADE  
NORDESTINA ATRAVÉS DOS CORDEIS**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2024.2**

ÁDRIA AMÉLIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL E A IDENTIDADE  
NORDESTINA ATRAVÉS DOS CORDEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso Licenciatura  
Plena em Letras Língua Portuguesa da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciando em Letras Língua  
Portuguesa.

**Área de concentração:** Linguística,  
Memória e Identidade.

**Orientador:** Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024.2**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48m Oliveira, Ádria Amélia Pereira de.

A memória coletiva e individual e a identidade nordestina através dos cordéis [manuscrito] / Ádria Amélia Pereira de Oliveira. - 2024.

38 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Memória coletiva. 2. Identidade nordestina. 3. Literatura de cordel. 4. Preservação cultural. I. Título

21. ed. CDD 398.5

ÁDRIA AMÉLIA PEREIRA DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL E A IDENTIDADE  
NORDESTINA ATRAVÉS DOS CORDEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso Licenciatura  
Plena em Letras Língua Portuguesa da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciando em Letras Língua  
Portuguesa.

Área de concentração: Linguística,  
Memória e Identidade

Aprovada em: 14 / 11 / 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Keila Lauriny Câmara Xavier  
Profª. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier. (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Gianny Cecília de A. P. Almeida  
Profª. Dra. Gianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Lara A. Rocha  
Profª. Ma. Maria Lara Alves Rocha  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, por suas bênçãos e cuidado, à Família, Professores, Amigos e Namorado, Filipe Vieira de Lima, por todo o Apoio e dedicação, DEDICO.

*“[...] Não há lembranças que reapareçam  
sem que de alguma forma seja possível  
relacioná-las a um grupo [...]”*

*(Halbwachs, 2013, p. 42)*

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>01</b>
<b>2. DA MEMÓRIA A IDENTIDADE .....</b>	<b>04</b>
<b>2.1. A memória coletiva.....</b>	<b>04</b>
<b>2.2. A memória individual .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3. A Identidade.....</b>	<b>12</b>
<b>3. EXPRESSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA, INDIVIDUAL E IDENTIDADE NORDESTINA NOS CORDEL .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1. A tradição: expressões da memória e identidade no cordel tradicional.....</b>	<b>19</b>
<b>3.2. A renovação: expressões da memória e identidade no cordel contemporâneo .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3. A diferença: comparação entre as expressões da memória e identidade presentes no cordel .....</b>	<b>32</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>36</b>

# **A MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL E A IDENTIDADE NORDESTINA ATRAVÉS DOS CORDEIS**

## **COLLECTIVE AND INDIVIDUAL MEMORY AND NORTHEAST IDENTITY THROUGH CORDEIS**

Ádria Amélia Pereira de Oliveira

### **RESUMO**

O presente estudo investiga a relação entre memória coletiva, memória individual e identidade nordestina, tomando como objeto de análise o gênero literário do cordel. A pesquisa visa compreender como os cordéis tradicionais e contemporâneos preservam e ressignificam a cultura nordestina, firmando uma identidade coletiva que resiste ao tempo e às transformações sociais. Fundamentado nas teorias de Maurice Halbwachs (2013) e Ecléa Bosi (2003) sobre memória coletiva, Stuart Hall (2014) sobre identidade e Joel Candau (2011) acerca da memória e identidade, além de agregar outros autores relevantes na área. O estudo aborda os objetivos específicos de: (a) explorar o papel do cordel na preservação da identidade cultural e histórica do Nordeste brasileiro; (b) examinar como os cordéis nordestinos preservam e rememoraram a memória coletiva por meio de suas linguagens, narrativas e temas; (c) identificar e analisar os principais aspectos da memória coletiva nordestina retratados nos cordéis do século XIX ao XXI de autores como Leandro Gomes de Barros, Raimundo Santa Helena, Patativa do Assaré e Bráulio Bessa. A metodologia adotada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise discursiva, permitindo uma interpretação profunda dos textos. Os resultados mostram que os cordéis tradicionais enfatizam uma memória de resistência e crítica social, enquanto os contemporâneos valorizam o orgulho e a resiliência da cultura nordestina. Concluindo, o estudo reafirma o papel do cordel como instrumento de preservação e transmissão cultural, fortalecendo a identidade nordestina ao longo das gerações.

**Palavras-chave:** Memória coletiva. Identidade nordestina. Literatura de Cordel. Preservação cultural.



## ABSTRACT

The present study investigates the relationship between collective memory, individual memory and northeastern identity, taking the literary genre of cordel as its object of analysis. The research aims to understand how traditional and contemporary cordéis preserve and give new meaning to northeastern culture, establishing a collective identity that resists time and social transformations. Based on the theories of Maurice Halbwachs (2013) and Ecléa Bosi (2003) on collective memory, Stuart Hall (2014) on identity and Joel Candau (2011) on memory and identity, in addition to bringing together other relevant authors in the area. The study addresses the specific objectives of: (a) exploring the role of cordel in preserving the cultural and historical identity of the Brazilian Northeast; (b) examine how northeastern cordels preserve and remember collective memory through their languages, narratives and themes; (c) identify and analyze the main aspects of the northeastern collective memory portrayed in the cordéis from the 19th to the 21st century by authors such as Leandro Gomes de Barros, Raimundo Santa Helena, Patativa do Assaré and Bráulio Bessa. The methodology adopted is qualitative, based on bibliographical review and discursive analysis, allowing an in-depth interpretation of the texts. The results show that traditional cordéis emphasize a memory of resistance and social criticism, while contemporary ones value the pride and resilience of northeastern culture. In conclusion, the study reaffirms the role of cordel as an instrument of cultural preservation and transmission, strengthening Northeastern identity over generations.

**Keywords:** Collective memory. Northeastern identity. Cordel Literature. Cultural preservation

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde sua proliferação no Brasil, especificamente, na região nordeste, o cordel é um gênero popular que dá voz às classes marginalizadas socialmente, seja democratizando a leitura, servindo de objeto de informação, divertindo as pessoas e sendo fonte de entretenimento e até mesmo alfabetizando aqueles que não possuíam acesso a escola. Oriundo do repente e das cantorias, o cordel narra fatos históricos e populares com rimas, que anteriormente eram passados de forma oral entre a população, fazendo parte da memória do povo de uma determinada região, adaptado futuramente para o folheto.

Dessa maneira, os estudos relacionados à memória se tornam fundamentais para lembrar de como os discursos dos cordelistas estão atrelados a construção identitária da sociedade nordestina, já que memória e identidade se relacionam. Além disso, com o avanço e disseminação da cultura de massa, em detrimento da popular, nasce a falta de visibilidade a literatura de cordel, que por efeito, gera o apagamento, como explica Bosi(2003). Assim, ao evocarmos a memória desses poetas através da literatura de cordéis, lembramos as tradições presentes nas memórias individuais e coletivas da identidade nordestina.

Diante disso, essa pesquisa surge alicerçada no seguinte questionamento de ordem geral: como a memória coletiva e individual presentes nos cordéis nordestinos do século XIX-XXI Ressignificam a identidade? Além dessa, elencamos as seguintes questões específicas: a) qual o papel do cordel na preservação da identidade cultural e histórica do nordeste brasileiro? b) como os cordéis nordestinos preservam e lembramos a memória coletiva por meio de suas linguagens, narrativas e temas? c) quais os principais aspectos da memória coletiva nordestina retratada nos cordéis tradicionais de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) em “As misérias da época” e “Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros”, Raimundo Santa Helena (1982) em “Cartilha do povo”; e contemporâneos como Patativa do Assaré (2014) em “Cante lá que eu canto cá”, O “Poeta da roça”; Bráulio Bessa (2022) em “Ser nordestino”.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral Analisar como a memória coletiva e individual presentes nos cordéis nordestinos dos séculos XIX-XXI ressignificam a identidade nordestina, e específicos: a) Investigar o papel do cordel na preservação da identidade cultural e histórica do Nordeste brasileiro; b) Examinar como os cordéis nordestinos preservam e lembramos a memória coletiva através de suas linguagens, narrativas e temas; c) Identificar e analisar os principais aspectos da memória

coletiva nordestina retratados nos cordéis tradicionais de Leandro Gomes de Barros, como “As misérias da época” e “Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros”; de Raimundo Santa Helena, em “Cartilha do povo”; e nos cordéis contemporâneos de Patativa do Assaré, como “Cante lá que eu canto cá” e “O poeta da roça”; além da obra de Bráulio Bessa em “Ser nordestino”.

O interesse nesse estudo, além da obtenção de aprovação no curso e no componente curricular, vem através de um encanto infantil produto de um almoço em família, onde os mais velhos faziam duelos de rimas, que de forma crescente progrediu até a graduação. Além disso, a área da identidade e memória sempre provocou grande curiosidade e identificação, sobretudo, os estudos do discurso, representação, enunciado, ideologia entre outros. Dessa forma, aplicar os estudos da memória ao objeto do discurso poético do cordel, abrange não só uma pesquisa meramente acadêmica, mas também inclui a compreensão das relações sociais e discursivas, que moldam os indivíduos desses grupos.

Além disso, os cordéis nordestinos desempenham um papel vital na preservação e transmissão da memória coletiva da região. Eles refletem não só, tradições, costumes e valores, mas também atuam como agentes de resistência e afirmação identitária em contextos de preconceito e marginalização. Através da análise de suas linguagens e narrativas, podemos identificar aspectos fundamentais da cultura nordestina, tanto nos cordéis tradicionais quanto contemporâneos. Essas manifestações artísticas mantêm vivas tradições ancestrais, fortalecem o sentimento de pertencimento e promovem diálogo intergeracional.

Outrossim, esse estudo é pertinente para o corpo acadêmico, já que associa a memória coletiva ao gênero cordel, contribuindo para um aprofundamento sobre a identidade e cultura nordestina. Além disso, por ser uma literatura recente, tendo suas primeiras impressões no Brasil no século XIX, pelo paraibano Leandro Gomes de Barros (1868-1919), existem poucas pesquisas quando relacionado a área da linguística. Por outro lado, esse tipo de produção é relevante para a comunidade nordestina, pois fortalece as tradições e cultura, quando faz reflexões sobre os discursos atrelados a esse grupo.

Assim, essa pesquisa de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, se baseia nos estudos da memória por meio de revisão bibliográfica em autores relevantes na área da linguística, como, Bosi (2003), Halbwachs (2013), Hall et al. (2014), Woodward et al. (2014), Orlandi(1999) entre outros. Além disso os recortes dos cordéis selecionados para análise representam um panorama diverso da cultura nordestina, nos séculos XIX à XXI.

Leandro Gomes de Barros (1865-1918), precursor do cordel no Brasil, aborda temas de desigualdade social e resistência popular através da figura do cangaceiro em obras como "As misérias da época" e "Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros", enquanto Raimundo Santa Helena, em "Cartilha do povo" (1982), critica as estruturas opressoras que afetam o sertão.

Cordéis contemporâneos também refletem a identidade nordestina: Patativa do Assaré, em "Cante lá que eu canto cá" e "O poeta da roça", enaltece a cultura rural e a força do sertanejo, enquanto Bráulio Bessa, com "Ser nordestino", moderniza o gênero, preservando a identidade e os valores regionais. Assim, essas obras tradicionais e contemporâneas revelam a continuidade e a renovação da memória coletiva nordestina, articulando memórias e valores que atravessam gerações.

Este trabalho divide-se em duas partes principais para uma compreensão aprofundada do tema. No capítulo "DA MEMÓRIA À IDENTIDADE", realizamos discussões teóricas fundamentais, explorando conceitos de memória coletiva, memória individual e identidade. Esse capítulo delinea as bases teóricas essenciais para a análise do corpus. A estrutura teórica proposta aqui não só busca estabelecer um referencial consistente para a compreensão das bases investigadas, mas também contextualizar como essas teorias dialogam com o universo poético dos cordéis nordestinos e sua importância na formação identitária. Assim, o capítulo oferece o suporte necessário para que o leitor entenda de que forma as construções de memória e identidade servem de alicerce para a análise dos cordéis que se seguirão.

No segundo capítulo "EXPRESSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA, INDIVIDUAL E IDENTIDADE NORDESTINA NOS CORDÉIS", concentramos nossa análise no corpus selecionado, dividindo-o em três tópicos: "A tradição", onde investigamos como os cordéis tradicionais expressam e reforçam memórias e identidades culturais; "A renovação", que observa as adaptações e inovações nos cordéis contemporâneos em relação a esses temas; e "A diferença", comparando as abordagens de memória e identidade entre os cordéis tradicionais e contemporâneos. Finalmente, nas "CONSIDERAÇÕES FINAIS", sintetizamos os resultados obtidos e propomos possíveis, para estudos futuros, apontando novas perspectivas teóricas e literárias que possam expandir o entendimento acadêmico sobre memória e identidade na poética nordestina.

## **2. DA MEMÓRIA A IDENTIDADE**

A fundamentação teórica desempenha um papel crucial neste trabalho, pois oferece a base conceitual e analítica para a compreensão das questões centrais antes da realização da análise do corpus. Assim, o objetivo deste capítulo é aprofundar o entendimento sobre os conceitos de memória coletiva, memória individual e identidade, articulando as principais teorias que sustentam esses fenômenos. Por isso, ela precede a análise para garantir que o leitor tenha um referencial teórico sólido e consistente sobre o qual as interpretações dos textos serão construídas, além de delimitar o campo de investigação e evidenciar a relevância das escolhas metodológicas.

Estruturalmente, nossa fundamentação teórica está organizada em seções que abordam, primeiramente, o conceito de memória coletiva, seguindo para a memória individual, e, por fim, tratando da identidade. A ordem adotada não é aleatória: inicia-se pela memória coletiva, que constitui a base social do fenômeno investigado, para em seguida discutir a memória individual, que, embora pessoal, está profundamente interligada com a coletiva. Por fim, a seção sobre identidade é introduzida, pois ela é entendida como uma consequência direta da relação entre essas memórias. Essa sequência lógica fornece os caminhos para que o leitor entenda como a memória atua na formação identitária tanto de indivíduos quanto de grupos.

O aprofundamento dessas teorias, antes da análise dos cordéis nordestinos, por exemplo, é fundamental para entender como esses textos preservam e transmitem a memória coletiva e firmam identidades culturais. Assim, a fundamentação não só prepara o terreno para a análise, mas também justifica as interpretações e conclusões a serem feitas, assegurando que estejam ancoradas em uma compreensão sólida dos fenômenos teóricos discutidos.

### **2.1. A memória Coletiva**

Desde os primórdios da humanidade, a consciência é o que nos distingue dos demais seres vivos. Como exemplifica Descartes (1937) "*Cogito, ergo sum*" (penso, logo existo). Assim, é o fluxo da consciência que torna a existência humana memorável e reflexiva. Por isso, a consciência, sendo a fonte criadora de significados, tem por efeito a memória, que por sua vez, é responsável pela organização das lembranças. A partir da memória, o passado se mantém inteiro e dinâmico, possibilitando que as experiências e

eventos sejam reconstruídos e reconstituídos ao longo do tempo. A memória, portanto, é o elemento que liga o presente ao passado, permitindo a continuidade da identidade individual e coletiva ao longo do tempo.

Michel Pêcheux(1999), em sua obra “O Papel da Memória”, esclarece que essas imagens simbólicas, ou lembranças, são mantidas através da rememoração, ou seja, pela repetição dos fatos, seja pelo externo quanto pelo interno. Pêcheux (1999) destaca que as lembranças não são meramente armazenadas, mas constantemente revisitadas e reavaliadas, o que lhes confere um caráter dinâmico e fluido. Esse processo de revisitação contínua faz com que as memórias não sejam fixas, mas sempre em evolução, à medida que novos contextos e experiências influem a forma como lembramos do passado.

Sob a óptica do sociólogo Maurice Halbwachs (2013), essas lembranças estão profundamente entrelaçadas com os grupos sociais aos quais pertencemos, pois são os grupos com sua memória coletiva que faz a manutenção dessas lembranças individuais. Esta interdependência entre as memórias individuais e coletivas é fundamental para entender como as sociedades mantêm e transmitem suas tradições e identidades ao longo das gerações. Não existe um indivíduo sem memória, seja ela individual ou coletiva.

A ideia de que a memória é um fenômeno social é reforçada por Ecléa Bosi (2003), que afirma que ela “tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (Bosi, 2003, p. 75). Ela argumenta, que a memória não é apenas um depósito de informações estáticas, mas um processo ativo e contínuo de construção de sentido, no qual o presente constantemente remodela o passado, e o passado, por sua vez, informa e dá forma ao presente. Isso implica que a memória coletiva é continuamente dinamizada e renegociada no seio das interações sociais.

Por sua vez, Eni Orlandi (1999) ao estudar o discurso no “jogo da língua”, define e assimila a memória ao interdiscurso, denominando de “o já-dito”, como uma série de repetições que se fixam em nosso consciente, através do processo reconstrução e reconstituição na vivência ordinária. A linguista brasileira destaca ao mencionar a memória que:

[...] Este é definido como aquilo que fala antes em outro lugar independentemente. ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sobre a forma do pré construído o já dito que está na base dizível sustentando cada tomada de palavra.[...]. (Orlandi, 1999, p. 31)

Assim, Orlandi (1999) reflete sobre as memórias como bases da consciência humana, sendo elas preambulares dos discursos e identidades. Ela define a “memória discursiva” como um saber que retorna ao presente na forma de algo pré-construído, o “já dito”, sustentando cada tomada de palavra. Dessa forma, o passado discursivo fundamenta e orienta a linguagem e a memória coletiva, garantindo uma continuidade entre o que foi dito e o que é rearticulado no presente, conferindo sentido e coesão às Lembranças ao longo do tempo.

Halbwachs (2013), embora parta de bases teóricas distintas, aproxima-se de um entendimento comum ao tratar da reconstrução de lembranças coletivas, especialmente ao observar elementos arquitetônicos de Londres, como os palácios, igrejas e construções históricas. Aonde ele observa que cada parede, porta e janelas reconstruí e recontitui uma memória. Para ele, esses espaços físicos carregam não apenas uma funcionalidade, mas também um valor simbólico profundo que “Diz” ao observador, evocando memórias e significados partilhados pela coletividade. O autor discorre:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2013, p. 30).

Dessa forma, a memória coletiva conforme concebida por Maurice Halbwachs (2013), associa a nossa consciência aos grupos sociais que compartilhamos. Ele disserta, que, ao contrário da memória individual, que é a capacidade de um indivíduo recordar experiências e informações, a memória coletiva é construída e sustentada pelas interações dentro de um grupo. Ela não reside em um único indivíduo, mas na comunidade como um todo, que, através de tradições, rituais e narrativas, mantém e transmite essas lembranças ao longo do tempo.

As lembranças são, de acordo com Halbwachs (2013), influenciadas pelo tempo, lugar e espaço, sendo fortemente moldadas pelos grupos sociais e estruturas culturais nas quais estamos inseridos. “[...] Não há lembranças que reapareçam sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo [...]” (Halbwachs, 2013, p. 42), já que ao nos situarmos discursivamente fazemos referência ao coletivo. Assim, a memória não é meramente individual, mas uma construção social em que nossas lembranças são reforçadas pelo contexto do grupo. Ao registrarmos, evocamos não apenas experiências

personais, mas também os significados que o coletivo nos oferece, o que fortalece o papel do grupo na formação de nossa identidade.

Em seu livro *Memória Coletiva*, Halbwachs (2013) cita o filósofo Henri Bergson, que acreditava que o ser humano vive em um processo finito de existência, onde, dentro da duração contínua e irrompida do tempo, tudo é efêmero. Halbwachs (2013) aplica essa perspectiva à memória, considerando-a também transitória e “esquecível”, um reflexo da condição humana descrita por Bergson. Para Bergson, o ser humano não morre, mas desaparece no fluxo contínuo do tempo. Nesse sentido, desvincular-se das memórias dos grupos aos quais pertencemos provoca oscilações na consciência coletiva, pois essas lembranças são essenciais para manter a coesão e o sentido das memórias coletivas do grupo.

Por isso, os grupos fornecem o contexto e a moldura para nossas memórias, determinando o que é lembrado, como é lembrado e, muitas vezes, o que é esquecido. O fluxo das memórias atravessa, de forma contínua e fluida, vários grupos simultaneamente. Segundo Halbwachs (2013):

Às vezes tais são as circunstâncias, que de alguma forma essas pessoas giram no mesmo círculo e são levados de um grupo outro, como nessas antigas coreografias de dança em que sempre mudamos de par, mas voltamos a encontrar um mesmo em intervalos bastante próximos. Então, viram só os perdemos para reencontrá-las e, com a mesma faculdade de esquecimento exercida alternativamente em detrimento e para a vantagem de cada um dos grupos que elas atravessam, pode-se dizer que as reencontramos por inteiro. (Halbwachs, 2013, p. 36)

Nossas memórias coletivas estão sempre entrelaçadas com os grupos dos quais participamos, em uma dinâmica constante de interação e troca. Halbwachs (2013) descreve essa relação de forma metafórica, comparando-a a uma antiga coreografia de dança em que mudamos de parceiros, mas reencontramos alguns repetidamente. Nesse movimento entre grupos, as memórias também se reorganizam e reaparecem, fortalecidas ou transformadas pelas novas interações, o que torna o processo de lembrança algo fluido e adaptativo, moldado pela proximidade com diferentes grupos.

Por outro lado, Orlandi (1999) destaca que a falta de repetição, ou de uma base social que sustente as lembranças, resulta no apagamento dessas memórias. Para ela, o afastamento de um grupo pode levar à fixação de novas memórias, pois o “já dito” e os saberes discursivos precisam ser reforçados pelo convívio e pela continuidade das relações. Assim, o distanciamento de certos grupos significa também a perda de acesso



às memórias coletivas que eles promovem, criando espaço para que outras se estabeleçam.

Assim o esquecimento é um instrumento social fundamental, que aproxima e distancia os indivíduos de um grupo; possibilitando a reconstrução e reconstituição das lembranças e o apagamento de outras. O esquecimento dos indivíduos de um grupo, em continuo com alguma memória pode, por efeito, apagá-las. Joel Candau (2011), em suas pesquisas nomeou a existência de memórias passíveis de obliteração e outras mais improváveis, denominando-as fortes e fracas. De acordo com mesmo:

[...] memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se imponha a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quanto o grupo é menor. [...] Denomino memória fraca é uma memória sem contornos bem definidos, difusa e superficial, que é dificilmente compartilhada por um conjunto de indivíduos cuja identidade coletiva é, por esse mesmo fato, relativamente inatingível. uma memória fraca pode ser desorganizadora no sentido de que pode contribuir para a desestruturação de um grupo. (Candau, 2011, p. 44 -45)

Assim, se um grupo é formado tendo como a base uma memória fraca, quiçá se desfará em virtude do esquecimento. A memória e os grupos sociais coexistem, de forma que ambos se mantem dinâmicos. Pois, “Não há lembrança que reapareça sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo” (Halbwachs, 2013, p. 42). Assim, o fluxo das memórias sempre se encontra nos quadros sociais dos grupos sociais.

Outro ponto relevante é a distinção entre memória coletiva e memória histórica, já que podem ser confundidas. Apesar de se relacionar ao passado, é importante destacar que a memória coletiva diverge da memória histórica, já que, “[...] não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam assim na memória.” (Halbwachs, 2013, p. 83). Segundo Halbwachs (2013), a memória coletiva e individual não estão temporalmente no passado, mas sempre no presente, pois apenas visita e utiliza-o no agora, através da reconstrução e reconstituição do grupo. O contraste se dá principalmente na função que exercem. Ele ainda define uma distinção entre a história e a memória:

A história não é todo o passado e também não é todo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história vivida, que se perpetua ou se renova através do tempo, no qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência. (Halbwachs, 2013, p. 86)

A memória é viva, e por assim dizer, tende a ser mais flexível e sujeita a reinterpretções, ao passo que a história busca uma linearidade e uma precisão que nem

sempre são características das lembranças coletivas; já que elas oscilam. Essa flexibilidade da memória coletiva permite que ela se adapte às necessidades e às circunstâncias dos grupos sociais ao longo do tempo.

Essas correntes antigas de memória coletiva, são geralmente preservadas em grupos sociais em que as crianças e os idosos tem um contato maior, como em grupos tradicionais e espaços principalmente rurais. Ambientes onde a tradição oral é mais “forte” e “marcada”. Pois, “é neste passado vivido, bem mais do que no passado aprendido pela história escrita, em que se apoiará mais tarde a sua memória.” (Halbwachs, 2013, p. 90). Ao se deparar com essas narrativas, a memória é reconstituída, e se mantém dinâmica através de outras consciências, através dos grupos.

Enquanto a memória coletiva está relacionada às lembranças que um grupo compartilha e valoriza, a memória histórica, por sua vez, se preocupa com a reconstrução dos eventos do passado de maneira mais objetiva e documentada. A memória histórica é caracterizada por uma tentativa de preservar o passado de forma factual, baseada em evidências concretas e registros formais. Ela é frequentemente institucionalizada, armazenada em arquivos, museus e livros, buscando uma apresentação objetiva dos eventos passados.

Por outro lado, a memória coletiva é subjetiva e vivida, sendo constituída pelas lembranças compartilhadas por um grupo social. Como Halbwachs (2013) observa, é comum que as imagens impostas pelo meio em que vivemos modifiquem as impressões que guardamos de um fato antigo ou de uma pessoa outrora conhecida. Ele ressalta que essas imagens podem não reproduzir exatamente o passado; o que guardamos na memória pode ser uma mistura de lembranças reais com uma "compacta massa de lembranças fictícias" (Halbwachs, 2013, p. 32). Isto, ocorre no conhecido “efeito Mandela”, em que uma falsa lembrança é construída dentro de um grupo, fazendo-os recordar o irreal.

As lembranças, muitas vezes, são fortemente influenciadas pelo poder, pela cultura e pelas necessidades do grupo dominante, o que pode resultar na marginalização ou no esquecimento de certos eventos e narrativas. Dessa forma, a memória coletiva é não apenas uma ferramenta de preservação cultural, mas também um instrumento de poder, que pode ser utilizado tanto para legitimar quanto para contestar as estruturas sociais estabelecidas. O poder de definir quais memórias são valorizadas e quais são esquecidas está frequentemente nas mãos daqueles que controlam as instituições culturais e sociais, como a educação, os meios de comunicação e o próprio governo.

A memória coletiva, como proposta por Halbwachs (2013), é uma construção social essencial para a identidade dos grupos. Ela é constituída através da interação social e é continuamente reconstituída para se adaptar às novas realidades e necessidades do grupo. A distinção entre memória coletiva e memória histórica ressalta a diferença entre uma memória que é vivida e compartilhada em um contexto social e outra que é registrada e preservada de forma institucional. Esta discussão ilumina a complexa relação entre memória, identidade e poder, destacando como o passado é lembrado e utilizado para moldar o presente e o futuro de uma sociedade.

## **2.2. A memória Individual**

Como mencionado anteriormente, nenhuma lembrança vivida é exclusivamente individual em sua essência simbólica e semântica. De acordo com Halbwachs (2013), nossas lembranças são apenas parcialmente nossas, pois cada sentimento, lugar, pensamento ou ação está influenciado pelos grupos sociais dos quais fazemos parte. Candau (2011) acrescenta que a memória coletiva regula a memória individual, onde os quadros sociais facilitam tanto o processo de lembrar quanto o de esquecer, permitindo que "nos apoiemos sobre a memória dos outros" (Candau, 2011, p. 43).

Dessa forma, mesmo que a memória individual seja moldada por experiências pessoais, ela se constrói dentro de um contexto social, que a influi. As unidades de consciência, quando reunidas, formam o coletivo, e o todo, por sua vez, regula o individual. Logo, eles coexistem no fluxo da cognição humana. Candau (2011) adicionalmente argumenta:

A memória coletiva segue as leis das memórias individuais que, permanentemente, mais ou menos influenciadas pelos marcos de pensamento e experiência da sociedade global, se reúnem, se dividem, se encontram e se perdem, se separam e se confundem, se aproximam e se distanciam, múltiplas combinações que formam, assim, configurações memoriais mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas. (Candau, 2011, p. 49).

Assim, para entender a memória coletiva, é necessário observar e delimitar a individual, uma vez que, nossas memórias pessoais moldam o social, e inversamente. Diferente da memória coletiva, que é moldada pelos marcos e interações sociais, a memória individual se caracteriza pela capacidade de reter, registrar e reinterpretar vivências pessoais ao longo do tempo. Ela permite ao indivíduo acessar suas recordações de maneira subjetiva, influenciada por suas emoções, percepções e trajetória de vida.

Além disso, a duração da memória individual é diferente da memória coletiva, ela é mais variável. Como exemplifica Halbwachs(2013), ao olharmos para um relógio durante um momento relapso do dia, enquanto esperamos, por exemplo, o tempo aparenta ser mais extenso. E quando ocorre em momentos mais dinâmicos do fluxo da consciência, o tempo mental tende a ter o aspecto de um período menor (Halbwachs, 2013. p. 97). isso ocorre pela forma como o cérebro guarda e organiza as informações.

A consciência sempre dará mais ênfase em momentos de concentração, o que implica dizer, os acontecimentos seu interesse. Por isso, um dos aspectos mais intrigantes da memória individual é o modo como ela seleciona e organiza o que será lembrado. Candau (2011) aponta que a consciência sensível, que se refere à capacidade de sentir e perceber o mundo ao redor, desempenha um papel crucial nesse processo. A memória individual filtra as experiências, priorizando algumas em detrimento de outras, em função da relevância emocional, cultural ou cognitiva que essas vivências têm para o indivíduo.

A memória individual, embora formada por experiências pessoais, não pode ser dissociada de sua dimensão social. Halbwachs (2013) argumenta que nossas lembranças são apenas parcialmente nossas, uma vez que cada sentimento, lugar, pensamento ou ação está influenciado pelos grupos sociais aos quais pertencemos. Assim, a memória individual é moldada pelo contexto social e cultural, refletindo as interações e influências do grupo. Candau (2011) reforça essa ideia ao afirmar que a memória coletiva regula a memória individual, facilitando tanto o processo de lembrar quanto o de esquecer, permitindo que nos apoiemos nas lembranças compartilhadas com outros (Candau, 2011, p. 43).

Além de sua interdependência com o coletivo, a memória individual possui uma flexibilidade temporal que a distingue da memória coletiva. Halbwachs (2013) exemplifica essa variação ao observar que, durante momentos de espera, o tempo mental parece se estender, enquanto em situações dinâmicas o fluxo da consciência faz o tempo parecer mais curto (Halbwachs, 2013, p. 97). Essa diferença na percepção temporal reflete a maneira como o cérebro organiza as informações, selecionando e priorizando certos eventos de acordo com o nível de atenção e interesse do indivíduo.

Candau (2011) complementa esse pensamento ao destacar que a memória individual atua como um filtro seletivo, priorizando experiências que possuem maior relevância emocional, cognitiva ou cultural. A "consciência sensível", que se refere à capacidade de perceber e sentir o mundo ao redor, desempenha um papel central nesse processo de seleção (Candau, 2011, p. 47). Desse modo, a memória individual não apenas

armazena vivências, mas também as reinterpreta continuamente, adaptando-as conforme novas experiências surgem.

Portanto, a memória individual não é estática; ao contrário, ela se reconfigura ao longo do tempo em função das novas percepções e das interações sociais. Essa capacidade de revisar e reorganizar as lembranças permite ao indivíduo ajustar sua percepção de si mesmo e de suas vivências, o que contribui diretamente para a construção de sua identidade. Ao recordar eventos passados, o indivíduo reforça sua noção de continuidade e coesão, estabelecendo um elo entre o passado e o presente.

A memória individual, ainda que subjetiva, não pode ser dissociada de seu contexto social. Ela é continuamente moldada pelas interações com o coletivo, que tanto regula quanto complementa o processo de recordar. Ao integrar as influências do grupo e as vivências pessoais, a memória individual se torna um fenômeno dinâmico, essencial para a formação da identidade e para a inserção do indivíduo na sociedade.

### **2.3. A identidade**

A relação entre memória e identidade é essencial tanto para a formação da consciência individual quanto para a interação social. Candau(2011) destaca que “a perda de memória é, portanto, perda de identidade” (Candau, 2011, p. 59), pois sem memória o indivíduo perde as referências que conectam seu passado ao presente, vivendo apenas no momento, incapaz de reconstruir sua trajetória e sua identidade. Um exemplo dessa conexão pode ser visto na obra de Erich Auerbach (2021), “Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental” onde a cicatriz de Ulisses permite que a serva de sua casa o reconheça após muitos anos, simbolizando a importância da memória para preservar a identidade ao longo do tempo.

A cicatrização, nesse contexto, funciona como uma ancoragem da memória, permitindo que tanto Ulisses quanto aqueles ao seu redor reconheçam e reafirmem sua identidade. Assim, a memória não apenas guarda os acontecimentos do passado, mas também projeta essas experiências no futuro, conectando o indivíduo ao seu grupo social. Em conexão Candou (2011, p. 59-60) argumenta que “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades [...] conceituais e cognitivas. sua identidade desaparece”. A ausência dessa capacidade de lembrar e

conectar o presente ao passado, o sujeito perde suas habilidades conceituais e cognitivas, e sua identidade se desfaz.

A memorização coletiva torna-se possível quando está enraizada em uma tradição cultural forte, vindas de memórias fortes de um grupo, como abordado anteriormente, Candau (2011, p. 46) afirma que, a glorificação e o elogio de heróis atuam como elementos de coesão social. Essas representações podem ser perceptíveis no contexto do cangaço, no caso do nordeste brasileiro, em que figuras como Lampião são exaltadas como símbolos de resistência e bravura. Assim como os heróis da Grécia Antiga unificavam os helenos, os cangaceiros representam um ícone cultural que fortalece a identidade e a memória coletiva de determinadas regiões do Brasil, perpetuando valores e histórias que mantêm a coesão do grupo.

Estas figuras se mantêm vivas por meio da representação dada pela própria memória. A faca de dois gumes que classifica o “outro” mas também “nós” categoriza. Kathryn Woodward et al. (2014) argumenta que “A identidade é marcada por meio de símbolos; por exemplo, pelos próprios cigarros que são fumados em cada lado. existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” (Woodward et al, 2014, p. 9-10). Nesse sentido, ela explica que a forma como nos portamos, ou nos trajamos, evidencia simbolicamente quem somos. A exemplo disso, temos as vestimentas do cangaço, que caracterizavam seus integrantes.

Atualmente, com a atualidade das identidades e o avanço da globalização, surge a chamada “crise de identidade”. Joel Candau (2011, p. 116) contribui para essa discussão ao explicar que "as sociedades modernas são menos capazes de transmitir a memória que aquelas de menor expansão memorial [...] A compulsão memorial contemporânea e o que denominamos crises identitárias se explicam por uma expansão descontrolada da memória." Esse excesso de memórias e de referências, causado pela multiplicidade de experiências e pela fragmentação do sujeito contemporâneo, gera um para

Candau (2011) também resolve uma questão levantada por Kathryn Woodward et al. (2014) sobre o debate entre essencialistas, que veem a identidade como fixa e cristalizada, e não essencialistas, que a definem a partir das diferenças e mudanças. Ao afirmar que “a memória coletiva, como a identidade, da qual ela é combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação sempre mutável mantida com o outro” (Candau, 2011, p. 50), ele sugere que a identidade é construída e reconstruída na interação e confronto com o outro. Assim, é nesse movimento de percepção das diferenças que as identidades dos indivíduos se formam e se transformam.

Stuart Hall et al. (2014) complementa essa ideia ao destacar que “a identidade é definida, em grande parte, pela diferença – pelo que não somos” (Hall et al., 2014, p. 75). A identidade é construída a partir de um processo de distinção entre o eu e o outro. Assim como a memória é moldada pelas influências externas, a identidade se forma pela interação com as diferenças e os contrastes. A distinção entre o que somos e o que não somos é essencial para a definição de quem somos.

Joel Candau (2011) também contribui com essa visão ao afirmar que “a identidade é uma construção que se realiza no interior dos quadros sociais, mas também em oposição a eles” (Candau, 2011, p. 58). Esse ponto ressalta que a identidade é tanto uma conformidade às normas sociais quanto uma forma de resistência e distinção. A construção identitária, portanto, não é uma simples adaptação ao meio, mas também uma afirmação de singularidade.

As identidades em conflito são moldadas por mudanças sociais, políticas e econômicas, especialmente no contexto pós-colonial, onde narrativas culturais são frequentemente contestadas. Nesses cenários, as sociedades reavaliam suas tradições e símbolos, buscando redefinir suas identidades. Como Woodward et al. (2014) explica, as identidades no mundo contemporâneo estão inseridas em um processo contínuo de transformação, influenciadas pelas globais e locais.

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas importantes. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sobre formas particulares no mundo contemporâneo, num mundo que se pode chamar de pós-colonial. (Woodward et al., 2014, p. 25).

Em acordo com essa óptica, Stuart Hall et al. (2014, p. 112), acredita que a identidade também está profundamente ligada às condições sociais e materiais. Ele afirma que “as identidades são, pois, pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. Essa perspectiva sugere que as identidades não são permanentes ou estáticas, mas fluidas, moldadas por discursos e práticas sociais que criam e recriam a noção de quem somos ao longo do tempo.

Tomaz Tadeu da Silva et al. (2014, p. 81) observa que “a identidade e a diferença são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”. Isso significa que a identidade não pode ser separada das relações de poder que a cercam, pois o privilégio de definir a identidade e marcar a diferença está atrelado a quem detém os recursos simbólicos e materiais na sociedade. A identidade, portanto, é uma construção social que,

ao mesmo tempo, inclui e exclui, classificando os indivíduos em categorias que refletem posições sociais.

O processo de “dividir o mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar” Silva et al. (2014, p. 82) e é central para a vida social, pois, por meio dessa classificação, os indivíduos ordenam o mundo ao seu redor. Essa classificação não é neutra; ao criar categorias e grupos, há uma hierarquia implícita que atribui diferentes valores a cada um desses agrupamentos. Dessa forma, aqueles que detêm o poder de classificar também controlam a maneira como os grupos são percebidos e valorados, refletindo a profunda conexão entre identidade e poder. Essas dinâmicas de controle e classificação lembram as relações de poder abordadas por Michel Foucault (1979), aonde o poder se manifesta nas redes e práticas sociais que estruturam a sociedade.

Além disso, na disputa pela identidade, ocorre uma competição por recursos simbólicos e materiais dentro da sociedade. A afirmação da identidade “é enunciação da diferença” (Silva et al. 2014, p. 81), refletindo o desejo dos diferentes grupos sociais, em posições assimétricas, de obter acesso privilegiado aos bens sociais. Assim, o poder de definir identidades e marcar diferenças está diretamente ligado à disputa por posições sociais e recursos, evidenciando que identidade e poder são interdependentes.

Esse privilégio de classificar reflete, portanto, uma forma de poder que atua sobre como os indivíduos e grupos são percebidos e posicionados dentro da sociedade. A identidade, nesse sentido, é uma ferramenta de inclusão e exclusão, como o autor afirma: “a afirmação da identidade é a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir” (Silva et al, 2014, p. 82). Isso reforça a ideia de que as identidades são construídas em um jogo de poder, no qual as relações sociais são determinadas por quem tem o privilégio de definir os limites entre “nós” e “eles”. Esse processo de definição e controle, similar ao exposto por Foucault (1979), revela que a identidade não é apenas uma questão de reconhecimento, mas também de poder.

Essa relação de poder que existe entre identidade e diferença está profundamente vinculada ao conceito de representação. A identidade não se define de maneira isolada, mas por meio da representação das características que distinguem um grupo ou um indivíduo. Como afirma Silva et al., (2014, p. 91), “a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”. Essa citação destaca que é através dos símbolos, imagens e discursos que as pessoas utilizam para se expressar e



se posicionar no mundo que a identidade adquire forma, sendo sempre uma construção social mediada pela cultura.

A ideia de performatividade também desloca a identidade de uma visão estática, onde ela é meramente “descrição”, para uma compreensão mais dinâmica, de “tornar-se”. Nesse sentido, a identidade não é apenas aquilo que alguém é, mas um processo contínuo de construção e transformação. Segundo o Silva, (2014, p. 92), a performatividade “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é — uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação — para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação”.

O processo de “tornar-se” é bem exemplificado pelo movimento antropofágico no Brasil, iniciado com o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (2011). Esse movimento reinterpretou elementos da cultura europeia no contexto brasileiro, transformando-os em algo novo e autêntico. Um exemplo é o cordel, que, embora de origem portuguesa, tornou-se uma manifestação cultural típica do Nordeste. Da mesma forma, a língua portuguesa foi ressignificada no Brasil, tornando-se parte fundamental da identidade nacional, distinta de sua origem europeia. Esse movimento reflete a identidade como algo em constante transformação.

Como aplicado nos processos químicos pelo filósofo francês Antoine-Laurent De Lavoisier (2014), “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” assim ocorre com a identidade. Ela é um processo dinâmico e em constante negociação, profundamente influenciado pela memória, pelas condições sociais e pelos sistemas simbólicos que organizam o mundo ao nosso redor. Ela se construiu não apenas através de quem somos, mas também em oposição a quem não somos, reforçando a ideia de que identidade e diferença são conceitos inseparáveis e interdependentes.

### **3. EXPRESSÕES DA MEMÓRIA COLETIVA, INDIVIDUAL E IDENTIDADE NORDESTINA NOS CORDEL**

Os estudos sobre a memória coletiva e a identidade são essenciais para entender a relevância dos cordéis nordestinos, pois esses poemas populares funcionam como um meio de preservação e transmissão das tradições, histórias e valores da região Nordeste. Ao longo das décadas, os cordéis desempenharam um papel fundamental, utilizando sua linguagem simples, narrativa poética e temas relacionados à vida cotidiana, cultura e história do Nordeste.

Através dos cordéis, as experiências coletivas do povo nordestino são continuamente recontadas, reforçando a coesão social e cultural. Como menciona Halbwachs (2013), a memória coletiva é moldada pelos grupos sociais, e no caso dos cordéis, eles ajudam a sustentar essas lembranças, preservando símbolos e narrativas que formam a identidade nordestina.

Há uma clara intencionalidade nos cordéis em manter viva a memória coletiva. A escolha dos temas e a forma de contar as histórias refletem a preocupação em preservar não só a cultura, mas também as tradições e os valores de uma sociedade. Ao narrar eventos históricos e figuras emblemáticas, como os cangaceiros, que simbolizam resistência e bravura, os cordéis fortalecem a identidade cultural. Essas narrativas orais moldam a percepção do presente e permitem que as novas gerações compreendam e valorizem suas raízes.

Além disso, os cordelistas não apenas documentam o passado, mas o reinterpretam, adaptando-o às necessidades e contextos contemporâneos. Dessa forma, os estudos sobre a relação entre memória e identidade nos cordéis revelam como essa forma de arte popular contribui para a continuidade e adaptação da memória coletiva nordestina ao longo do tempo, mantendo-a viva e relevante para as gerações futuras.

Os cordéis possuem uma longa história de preservação da cultura e da memória popular no Brasil, especialmente no Nordeste. Derivados das "folhas soltas" portuguesas, chegaram ao país no período colonial e se consolidaram como uma importante forma de arte e comunicação. Leandro Gomes de Barros, pioneiro do cordel no Brasil, imprimiu o primeiro folheto em 1893, iniciando o movimento da literatura popular em larga escala. Esses folhetos, vendidos em feiras, serviram tanto para o entretenimento quanto para a educação popular (Silva, 2023).

A relevância dos cordéis vai além de seu valor informativo; eles são essenciais para a preservação da memória coletiva e a construção da identidade nordestina. A simplicidade da linguagem e o uso da xilogravura nas capas permitiram que essas histórias se mantivessem vivas e acessíveis ao longo dos séculos. Mesmo com a modernização, os cordéis continuam a ser uma expressão cultural rica, registrando a história e a tradição (Silva, 2023).

Neste capítulo, será realizada a aplicação das teorias discutidas anteriormente em uma análise de recortes de cordéis contemporâneos e tradicionais, com o objetivo de explorar como esses textos utilizam elementos da memória coletiva do povo nordestino para firmar e transmitir sua identidade. A análise buscará examinar como a memória, a identidade e a representação se entrelaçam nas narrativas, revelando a posição do sujeito nordestino e a forma como este descreve o mundo ao seu redor, refletindo e reafirmando sua própria identidade.

Os autores selecionados para a análise desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva nordestina através da literatura de cordel. Leandro Gomes de Barros, pioneiro no gênero, critica as desigualdades sociais em obras como "As Misérias da Época" e "Antônio Silvino: o Rei dos Cangaceiros", onde a figura do cangaceiro simboliza a resistência popular. Raimundo Santa Helena, em "Cartilha do Povo", continua essa tradição, trazendo uma forte crítica às estruturas políticas e econômicas que oprimem o povo, sempre em diálogo com a realidade do sertão.

Já Patativa do Assaré e Bráulio Bessa representam a continuidade e renovação dessa tradição. Patativa, com obras como "Cante Lá Que Eu Canto Cá", valoriza a cultura rural e a resistência do homem sertanejo. Bráulio Bessa, em "Ser Nordestino", moderniza o cordel, mantendo seu papel de preservação da identidade nordestina. Esses autores são essenciais para entender como o cordel articula as memórias coletivas, ligando o passado às lutas e valores presentes do Nordeste.

Os cordéis foram escolhidos como objeto de análise neste estudo por sua profunda conexão com a memória coletiva, a identidade cultural e as expressões individuais do Nordeste brasileiro. Essas narrativas poéticas desempenham um papel essencial na preservação das tradições, histórias e valores da região, utilizando uma linguagem acessível e temas próximos à realidade cotidiana do povo nordestino.

Além disso, capacidade de articulação entre passado e presente é fundamental para compreender como a memória coletiva se mantém viva, moldando e reafirmando a identidade nordestina. A escolha dos cordéis reflete sua relevância como uma forma de

arte popular que, além de preservar, transforma a herança cultural em um símbolo de resistência e continuidade, conectando gerações e valorizando as raízes do povo nordestino.

### 3.1. A tradição: expressões da memória e identidade no cordel tradicional

Os cordéis "As Misérias da Época", "Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros" e "Cartilha do Povo" atuam como instrumentos de preservação da memória coletiva e de formação da identidade nordestina, abordando temas como resistência, desigualdade e opressão. Através da crítica social, da ironia e da exaltação de figuras como o cangaceiro, esses textos refletem a realidade vivida pelo povo, ao mesmo tempo em que ressignificam as lutas populares. Dialogando com as teorias abordadas anteriormente, os cordéis reforçam o papel da memória na manutenção das tradições e na construção de uma identidade coletiva forte e resistente, enraizada na cultura e na história do Nordeste.

No cordel de Leandro Gomes de Barros, "As Misérias da Época", vemos uma crítica social ao aumento dos impostos chamados impostos de selo, ou impostos de papel, que ocorreu após a queda da monarquia. Esta lei hoje atualizada se refere ao Decreto-lei nº 4.655/1942 da legislação da câmara dos deputados (BRASIL, 1942, p. 10). A priori o poeta utiliza a memória de infância para recordar junto ao interlocutor, resgatando a memória de um grupo, que geralmente são habitantes dos campos e tem mais contato com a "sabedoria" e "tradições" dos idosos. O trecho abaixo foi transcrito de páginas do cordel original:

Excerto 01 - Cordel de Leandro Gomes de Barros, "As misérias da época".

Se eu soubesse que esse mundo	Por inocente esperava
Estava tão corrompido	Ainda me sentar num trono
Eu tinha feito uma greve	Vovó para me distrair
Porém não tinha nascido	Dizia tempo há de vir
Minha mãe não me dizia	Que dinheiro não tem dono.
A queda da monarquia	
Eu nasci, fui enganado	Tempo já passou
Para viver neste mundo	Nem os donos têm dinheiro
Magro, trapilho, corcundo,	Só se vê hoje no mundo
Além de tudo sellado.	Agonia e desespero
	Fiscais e produtores
Assim mesmo meu avô	E número de cobradores
Quando eu pegava a chorar,	Pondo tudo amedrontado
Ele dizia não chore	E pra mais nossa melhorar
O tempo vai melhorar.	Qualquer que nascer agora
Eu de tolo acreditava	O pai há de o ver sellado.

Neste trecho, a desesperança é reforçada, destacando a falência do sistema econômico e a desigualdade social da época. A expressão "nem os donos têm dinheiro" sugere uma crise em que até os mais poderosos são afetados, criando um ciclo de desespero e medo generalizado. A crítica ao governo e suas políticas tributárias é clara com a menção de "fiscais e cobradores" que "amendrontam" o povo, expondo uma estrutura opressora. Essa situação alimenta a memória coletiva de injustiça, que, segundo Maurice Halbwachs (2013), é construída e preservada pela experiência compartilhada do grupo, promovendo um sentimento de pertencimento enraizado nas dificuldades comuns.

A imagem do "filho sellado", ao nascer, representa a ideia de um ciclo contínuo entre passado, presente e futuro, em que a opressão é um fato, estabelecendo que as novas gerações já nascem sob o peso das injustiças sociais. Halbwachs (2013) argumenta que essa continuidade das lembranças entre gerações reforça a memória coletiva, solidificando a identidade em torno das lutas enfrentadas pelo grupo. Esse ciclo repetitivo de injustiças cria uma ligação entre passado e futuro, onde a memória de opressão se transforma em um pilar de pertencimento e resistência, tornando-se central para o fortalecimento de uma identidade coletiva pautada pela luta.

A construção da identidade é, assim, fundamentada na reprodução dessas memórias de opressão e resiliência, como Joel Candau (2011) descreve em seu conceito de "memória forte". Essa memória profunda e compartilhada torna-se essencial para a identidade do grupo, pois oferece continuidade para permitir que ele se reconheça nas adversidades vividas. Ao expor a falta de esperança por meio da ironia, o cordel não apenas denuncia a opressão, mas também consolida a resiliência como uma característica fundamental do grupo, que se fortalece ao lembrar e se identificar com essas lutas.

Essa identidade construída sobre a crítica e a resistência está alinhada com a visão de Stuart Hall et al. (2014), que entende a identidade como um processo de oposição. Aqui, a identidade do povo nordestino é firmada em contraste com o poder opressor e suas práticas injustas, fazendo com que o grupo se defina por meio de sua resistência. Assim, uma memória coletiva não só preserva o passado, mas transforma as adversidades em um motor de união e de construção identitária, tornando a identidade um ato de resistência e reafirmação constante.

Excerto 02 - cordel de Leandro Gomes de Barros, "As misérias da época".

O oficial de justiça	Como diabo suporta-se
Há de sellar as canellas	Mais está história de sellos
O juiz sella a cabeça	Com pouco até as mulheres
Os oradores as guelas.	Hão de sellar os cabelos,
Os artistas sellam as tendas	O patrão selas os cacheiros
Sellam os logistas as fazendas	A padaria os padeiros
Os farmacêuticos as drogas	O mendigo sella o sacco
O caçador sela os cães	Sella o vigário a matriz
Os filhos sellam as mães	O velho sella o nariz
Os genros sellam as sogras.	Se quiser tomar tabacco
[...]	

A crítica expressa no cordel, por meio da repetição do verbo "sellar", pode ser relacionada à teoria de Maurice Halbwachs (2013) sobre memória coletiva, que argumenta que a memória é construída e compartilhada dentro de grupos sociais. O uso hiperbólico e satírico no cordel transforma a indignação individual contra o sistema tributário em uma memória coletiva de resistência, refletindo a experiência comum de opressão. A repetição do termo intensifica a crítica ao governo e fortalece a identidade do povo nordestino, mantendo viva a lembrança de suas lutas e transmitindo-a através da tradição popular do cordel.

Como discutido no capítulo 2 a glorificação de heróis regionais são tentativas de coesão social de um grupo, no caso do povo nordestino, isso ocorre nos grupos de banditismo, conhecidos como cangaceiros. Há uma dicotomia nos discursos sobre eles, já que, enquanto uns consideravam que eram vândalos por seus atos de crueldade, outros os viam como uma representação nordestina do "Robin Hood", como pessoas que vinham de grupos sociais pobres para resistir ao estado. Eles eram as figuras de destaque, por isso, o esforço na valorização destes. Abaixo veremos excertos do cordel "Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros":

Excerto 03 - Cordel de Leandro Gomes de Barros, "Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros".

O velho padre Custódio,	Está fazendo falta aos pobres,
Usurário, interesseiro,	Usemos de caridade
Amaldiçoava quem desse	Que são sentimentos nobres.
Rancho a qualquer cangaceiro,	[...]
Enterrou uma fortuna,	Ajuntei todos os pobres
E eu sonhei com o dinheiro!...	Que tinham necessidade
[...]	Troquei ouro por papel
Lance mão do cavador,	Haja esmola em quantidade
E vamos ver logo os cobres,	Não ficou pobre com fome
Esse dinheiro enterrado	Ali naquela cidade.

A religiosidade é profundamente enraizada no imaginário nordestino, permeando não apenas práticas culturais, mas também o modo como a identidade coletiva se forma e se manifesta. Esse elemento simbólico, conforme apresentado anteriormente por Maurice Halbwachs (2013), é construído e mantido dentro de um contexto social, onde o grupo reforça sua ênfase e valores compartilhados. A memória coletiva, sustentada por figuras religiosas e rituais, torna-se um pilar essencial para a construção da identidade, pois remete à vivência cotidiana e aos significados construídos em comunidade. Dessa forma, a religiosidade transcende a esfera do indivíduo e integra a memória e a identidade do povo nordestino, oferecendo um repertório de símbolos e histórias que se repetem e solidificam, conforme reforça Ecléa Bosi (2003), Também discutido no capítulo 2 ao abordar os “tesouros do passado” que sustentam o presente e orientam o futuro.

No cordel, essa religiosidade aparece de maneira marcante, mas também crítica, ao subverter as figuras de autoridade moral e propor uma reflexão sobre o verdadeiro sentido da fé e da caridade. Ao apresentar um padre "Usurário, interesseiro" que “Amaldiçoava quem desse / Rancho a qualquer cangaceiro”, o cordel questiona as desvantagens da religiosidade institucionalizada, contrastando-a com a generosidade de Antonio Silvino, um cangaceiro que se preocupa com a fome e a pobreza do povo: “Não ficou pobre com fome / Ali naquela cidade.” Assim, a obra reafirma que, no imaginário coletivo nordestino, o valor religioso não está apenas em figuras de poder, mas nos atos que, de fato, representam compaixão e solidariedade, elementos que, como já abordado por Joel Candau (2011), compõem a “memória forte” que um grupo em torno de suas opiniões e valores mais profundos.

Excerto 04 - Cordel de Leandro Gomes de Barros, “Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros ”.

<p>O povo me chama grande  E como de fato eu sou  Nunca governo venceu-me  Nunca civil me ganhou  Atrás de minha existência  Não foi um só que cansou.</p>
--

A exaltação de Antônio Silvino como figura heroica e resistente pode ser interpretada com base na teoria de Ecléa Bosi (2003), que afirma que a memória coletiva é "um processo ativo e contínuo de construção de sentido", em que o passado é remodelado para dar forma ao presente. A lenda de Silvino, como símbolo de resistência e autonomia, não só preserva a história de luta contra o poder instituído, mas também

reforça valores fundamentais da identidade nordestina, como a bravura e a sobrevivência em meio às adversidades. Sua figura é continuamente evocada na memória coletiva para inspirar novas gerações a enfrentar seus próprios desafios.

Excerto 05 - Leandro Gomes de Barros, "Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros".

<p>No norte tem quatro estados  À minha disposição,  Pernambuco e Paraíba  Dão-me toda distinção,  Rio-Grande e o Ceará  Me conhecem por patrão.</p>
--

Neste trecho, a posição discursiva desse personagem é de autopromoção como o "patrão" dos estados nordestinos, reforçando simbolicamente a figura de um soberano alternativo que exerce poder pela força. Essa hipérbole amplifica o mito em torno do cangaceiro, que é visto como um herói fora-da-lei, especialmente nas regiões negligenciadas pelo governo. A menção aos estados destaca o Nordeste como um espaço de resistência, reafirmando a identidade regional e o sentimento de pertencimento compartilhado pelas populações que reverenciavam os cangaceiros.

Além disso, a associação entre povo e terra é essencial para construir a identidade, com o espaço físico ativo como um marco para as memórias coletivas, como projetado anteriormente por Halbwachs (2013). No excerto "No Norte tem quatro estados, à minha disposição...", os estados nordestinos são evocados não só como lugares, mas como elementos de pertencimento e poder simbólico, refletindo a identidade coletiva nordestina. Assim, a identidade é moldada por locais e objetos que evocam experiências e tradições, destacando que ela é mais do que traços individuais, é uma conexão profunda e coletiva com o território e suas histórias.

Ambos os cordéis, "As misérias da época" e "Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros", preservam a memória coletiva nordestina ao contar histórias de injustiça e resistência. "As misérias da época" se destaca por criticar o sistema político e econômico com humor e sátira, refletindo a revolta popular. Já "Antônio Silvino" celebra o cangaceiro como símbolo de resistência e autonomia. Essas narrativas, com linguagem acessível e temas que refletem as vivências do povo, tornam-se poderosos instrumentos de preservação cultural e de afirmação da identidade nordestina.

Nos cordéis tradicionais é manifesto um teor de denúncia social, visto que, eram a partir dessa literatura que a população tinha acesso a informação e ao letramento.



Podemos perceber isso não só nas obras de Leandro, mas também em outras como "Cartilha do Povo", de Raimundo Santa Helena. Em que seu próprio título sintetiza a intencionalidade do autor, pois a cartilha são gêneros informativos utilizados para ensinar algo.

Excerto 06 - Cordel "Cartilha do povo", de Raimundo Santa Helena.

Alguém disse que o povo Tem sua memória fraca Quem falou esta mentira Vai gemer numa estaca Ninguém pode progredir Se ficar a repetir Paca-tatu tatu-paca.
--

Neste excerto de "Cartilha do Povo", Raimundo Santa Helena inicia sua crítica ao mito de que o povo tem uma "memória fraca", ou seja, uma incapacidade de se lembrar das opressões e injustiças sofridas ao longo do tempo. Ao rejeitar essa ideia, Santa Helena coloca o povo como guardião de uma memória viva e ativa, capaz de questionar e resistir às estruturas de poder. Ele subverte a imagem do povo como passivo e ignorante, ao contrário, ele defende a ideia de que a memória popular é um recurso poderoso na luta contra a tirania e a opressão.

Este conceito dialoga diretamente com as ideias de Maurice Halbwachs (2013), que argumenta que a memória individual não pode ser dissociada da coletiva. Santa Helena, ao usar a expressão “Paca-tatu tatu-paca”, evoca a oralidade popular, uma forma de manter a memória ativa e vibrante no imaginário popular. Esse jogo de palavras simples reforça o poder da cultura oral como uma ferramenta de preservação da identidade e memória.

Excerto 07 - Cordel "Cartilha do povo", de Raimundo Santa Helena.

Contestação não é crime Onde há Democracia Só ao cidadão pertence A sua soberania. No poder coercitivo Jesus foi subversivo Na versão da tirania.
---

Neste trecho, Santa Helena destaca que a contestação é fundamental para a democracia, reforçando a ideia de que a soberania pertence ao povo. Ele usa a figura de

Jesus como símbolo de subversão contra o poder tirânico, conectando-se a uma tradição de resistência moral à opressão. Ao mencionar Jesus, Santa Helena recorre à religiosidade, um elemento central da cultura nordestina, para criticar o sistema da época, apresentando Jesus como a representação ideal da humanidade e da justiça.

Essa abordagem dialoga com as teorias de Joel Candau (2011), que explora como a memória coletiva pode servir como instrumento de poder e resistência. Ao evocar Jesus, Santa Helena utiliza a memória coletiva cristã para desafiar as estruturas de poder. O cordel, nesse contexto, ressignifica figuras históricas para reforçar a luta contínua por liberdade e justiça, ecoando a ideia de Halbwachs (2013) de que as memórias coletivas são constantemente moldadas e reorganizadas de acordo com as necessidades contemporâneas.

Excerto 08 - Cordel "Cartilha do povo", de Raimundo Santa Helena.

O modelo econômico Continua muito mal Pequena média empresa Viram lama no canal Queremos mudar a fase Que elas se tornem base Da renda nacional.
--

Aqui, Santa Helena critica a estrutura econômica do Brasil, onde o modelo de concentração de riqueza e o controle por grandes corporações sufocam as pequenas e médias empresas, que ele acredita serem a verdadeira base da economia nacional. A "lama no canal" é uma metáfora que denuncia o destino das empresas menores sob um sistema econômico que favorece grandes interesses e marginaliza os pequenos empreendedores e trabalhadores.

Este trecho se conecta com a ideia de Candau (2011) de que a memória coletiva é influenciada por fatores políticos e econômicos, moldada de acordo com os grupos que detêm o poder. Santa Helena usa o cordel para questionar essa estrutura, lembrando o povo de suas raízes e de seu papel central na economia, algo que está sendo esquecido ou suprimido pelas forças hegemônicas. Ao convocar a memória da importância das pequenas e médias empresas, ele está reivindicando uma reconfiguração da ordem social e econômica, onde o povo, ao invés das elites, seja o centro do desenvolvimento econômico.

Excerto 09 - Cordel "Cartilha do povo", de Raimundo Santa Helena.

Nosso povo apoiado Na vida de mutirão E queremos a mulher Com mais valorização Nosso meio ambiente Puro como lá se sente Nas florestas do sertão.
---

Neste excerto, Santa Helena promove uma visão de solidariedade e comunidade através do "mutirão", um conceito de trabalho coletivo que é profundamente enraizado na cultura rural nordestina. Ele também destaca a necessidade de uma maior valorização das mulheres e a importância da preservação ambiental, especialmente das florestas e do sertão. Essas preocupações refletem uma visão holística de justiça social, que abrange tanto questões de gênero quanto de meio ambiente.

Santa Helena está reivindicando um resgate das práticas comunitárias tradicionais, as quais Halbwachs (2013) poderia definir como uma "memória coletiva" de modos de vida que mantinham as comunidades unidas. Ele não está apenas pedindo por progresso, mas por um progresso que respeite as raízes culturais e ambientais do povo, uma ideia que está profundamente enraizada na identidade nordestina.

A valorização da mulher, neste contexto, reflete a memória coletiva de resistência das mulheres no sertão, que, muitas vezes, assumiram papéis centrais na sobrevivência das famílias em tempos de seca e dificuldades. A memória da representação da mulher é evocada aqui para afirmar sua importância não apenas no lar, mas na sociedade como um todo, exigindo um espaço maior para sua participação e valorização.

Raimundo Santa Helena, em "Cartilha do Povo", utiliza o cordel para tecer uma crítica social que abrange desde questões políticas e econômicas até gênero e meio ambiente. Valendo-se da oralidade e da linguagem popular, ele conecta seu discurso à memória coletiva do povo nordestino. Sua crítica vai além de uma reclamação sobre o presente, sendo uma convocação para que o povo recorde seu poder de resistência e transformação, alinhando-se à teoria de Halbwachs (2013) sobre o papel da memória coletiva na construção da identidade social.

Além disso, Santa Helena usa o cordel como um meio de resgatar e reconfigurar a memória popular, reforçando que a luta por direitos e dignidade é parte de uma tradição de resistência que não pode ser esquecida. O cordel torna-se, assim, uma ferramenta de preservação dessa memória, conectando o passado às aspirações de um futuro mais justo

e igualitário. O uso da memória coletiva para ressignificar o presente e projetar o futuro, como sugere Candau (2011), é central na "Cartilha do povo", onde Santa Helena busca reavivar o espírito de luta e valorizar as tradições culturais e sociais do povo.

os cordéis analisados demonstram o poder da literatura popular como um veículo de preservação da memória coletiva e de formação da identidade nordestina. Obras como "As misérias da época", "Antônio Silvino, o rei dos cangaceiros" e "Cartilha do povo" utilizam a crítica social, a ironia e o resgate das tradições para reforçar os valores culturais e históricos da região. Ao abordar temas como resistência, justiça social e desigualdade, esses cordéis não apenas refletem a realidade vivida pelo povo, mas também servem como instrumentos de mobilização, convidando as novas gerações a se reconectar com suas raízes e a lutar por um futuro mais justo e igualitário.

### 3.2. A renovação: expressões da memória e identidade no cordel contemporâneo

Os cordéis contemporâneos "Cante Lá que Eu Canto Cá" e "O Poeta da Roça" de Patativa do Assaré e "Ser nordestino" de Bráulio Bessa são importantíssimos para a renovação das expressões nordestinas. A partir de suas narrativas e linguagens poéticas, esses textos contribuem para a preservação da memória coletiva do sertão, destacando elementos culturais, históricos e sociais que dinamizam a identidade do povo nordestino.

A obra "Ser Nordestino", de Bráulio Bessa, oferece uma rica expressão da memória coletiva e da identidade nordestina, utilizando símbolos culturais, linguísticos e históricos para narrar a vida e as experiências do povo do sertão. Este poema celebra a resiliência e o orgulho de ser nordestino, ao mesmo tempo em que subverte normas tradicionais de poder e conhecimento. Podemos observar afirmação da cultura nordestina já na primeira estrofe:

Excerto 10 - Cordel "Ser nordestino", de Bráulio Bessa.

<p>Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura  Sou vida difícil e dura  Sou nordeste brasileiro  Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover  Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino  Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser</p>
---

Esse trecho evidencia a conexão profunda com a memória coletiva do Nordeste, trazendo elementos materiais como o "gibão do vaqueiro", o "cuscuz" e a "rapadura", que

são mais do que simples objetos ou alimentos; são símbolos que carregam o peso da cultura e da história nordestina. Segundo Halbwachs (2013), a memória coletiva é construída e mantida dentro dos grupos sociais, sendo os símbolos culturais fundamentais para a coesão dessa memória. Aqui, Bráulio Bessa utiliza esses símbolos para evocar não apenas a vida difícil do sertão, mas também o orgulho de pertencer ao "nordeste brasileiro", reforçando a identidade de um povo que se define pela sua relação com o espaço e suas adversidades.

Ao afirmar "Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino", Bessa desconstrói os valores tradicionais de poder e conhecimento, valorizando o saber popular. O conceito de identidade discutido por Stuart Hall et al. (2014) ajuda a entender esse verso, pois ele argumenta que a identidade é muitas vezes construída em oposição ao outro, ou seja, "pelo que não somos". Aqui, o sujeito nordestino se define pela sua resistência às imposições externas de inferioridade e às normas elitistas da sociedade. Ele é "doutor" pela sua sabedoria empírica e "rico" pela sua vivência, rejeitando a necessidade de ostentar riqueza ou educação formal para ter valor. Esse verso subverte as expectativas e reafirma a riqueza cultural e a sabedoria que emergem das experiências cotidianas do povo nordestino.

O trecho "Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser" de Bráulio Bessa reflete uma perspectiva essencialista da identidade nordestina. O essencialismo pressupõe que certas características são intrínsecas e imutáveis a um grupo, e aqui o poeta reforça a ideia de que ser nordestino é uma condição que, quanto mais intensamente vivida, mais fortalecida se torna a identidade e o orgulho de pertencê-la.

A visão de que há algo "essencial" em ser nordestino algo que não muda e que se intensifica cria uma noção de identidade fixa, baseada em traços culturais, históricos e geográficos específicos que são valorizados e reforçados através da repetição e do orgulho. Essa perspectiva contrasta com abordagens não essencialistas, abordada anteriormente, que compreende a identidade como algo fluido e mutável, sugerindo, no entanto, que para Bessa, o ser nordestino é uma essência que define e unifica seu povo em torno de um sentimento de pertencimento e resistência.

Excerto 11 - Cordel "Ser nordestino", de Bráulio Bessa.

Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
--

Neste excerto, Bessa ressignifica características muitas vezes vistas de forma negativa, transformando-as em fontes de orgulho. A "cabeça chata" e o "sotaque arrastado" são traços frequentemente estigmatizados, mas aqui são símbolos de uma identidade distinta e forte. O conceito de memória coletiva de Halbwachs (2013) é novamente relevante, pois a memória é compartilhada por um grupo social que define o que é lembrado e valorizado. Ao destacar o "solo rachado" e a "gente maltratada", o poeta não só menciona as adversidades enfrentadas pelo nordestino, mas também ressignifica o sofrimento como um elemento de coesão e força da identidade regional. A resiliência diante das dificuldades reforça o sentimento de pertencimento e orgulho.

Excerto 12 - Cordel "Ser nordestino", de Bráulio Bessa.

Terra de cultura viva, Chico Anísio, Gonzagão de Renato Aragão Ariano e Patativa
--

Aqui, Bessa conecta a identidade nordestina a grandes nomes da cultura da região, como Chico Anísio, Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna e Patativa do Assaré. Esses ícones funcionam como pontos de referência dentro da memória coletiva, reforçando a ideia de memória forte, conforme argumenta Candau (2011). A memória forte é aquela que une um grupo social em torno de figuras e símbolos que representam seus valores e tradições.

Ao citar esses nomes, Bessa fortalece a continuidade da identidade cultural nordestina, mostrando como a cultura regional é transmitida de geração em geração e como essas figuras são fundamentais para a preservação das tradições e para a coesão social. Dessa forma, cada verso de "Ser Nordestino" utiliza sua memória individual, que é produto da coletiva para construir uma narrativa de resistência, orgulho e coesão social, reforçando a identidade do povo nordestino em meio às adversidades e à sua rica herança cultural.

No cordel "Cante Lá que Eu Canto Cá" de Patativa do Assaré, é visível em seu discurso, de perspectiva não essencialista, a necessidade de uma contraposição entre o homem urbano e o homem do sertão, que por muitas vezes é tido por imagem de representação do povo nordestino. Dessa forma, ele demarca a identidade através das diferenças entre suas experiências e modos de vida. Como no excerto 04:

Excerto 13 - Cordel "Cante lá que eu canto cá" de Patativa do Assaré.

Você teve educação Aprendeu muita ciência Mas das coisa do sertão Não tem boa esperiencia Nunca fez uma paióça Nunca trabaiou na roça Não pode conhecê bem Pois nesta penosa vida Só quem provou da comida Sabe o gosto que ela tem.
---

O trecho acima ilustra a divisão clara entre o homem que vive na cidade e o que vive no sertão. A narrativa explora o conceito de "experiência vivida", essencial para a memória coletiva, conforme descrito por Halbwachs (2013). O conhecimento do sertanejo é empírico, construído pela vivência no sertão, e essa experiência não pode ser compreendida pelo homem urbano, que não compartilha das mesmas memórias e sofrimentos. Assim, a memória coletiva do sertão é preservada na oralidade do cordel, transmitida de geração em geração por meio de histórias que expressam as dificuldades e resistências dessa vida.

A dicotomia "cidade versus sertão" é ressaltada pela rima "cante lá, que eu canto cá", onde o poeta demarca a separação entre esses dois mundos. Esse trecho simboliza a afirmação da identidade sertaneja, que, em oposição à vida urbana, valoriza, de acordo com o poeta, a simplicidade e o sofrimento como parte essencial de sua existência. Essa oposição reflete o argumento de Stuart Hall et al. (2014), segundo o qual a identidade é construída pela diferença – "pelo que não somos". Assim, ao fechar a rima, Patativa define o sertanejo em contraste com a cidade, reforçando sua conexão e orgulho com o sertão.

Ao repetir no cordel o verso "cante lá, que eu canto cá", o poeta tem como intenção discursiva fixar essa distinção na memória coletiva, conforme argumenta Orlandi (1999). Esse recurso reforça a transmissão de valores culturais e, no caso de Patativa do Assaré, destaca a distinção entre sertão e cidade, reafirmando a identidade nordestina. Ao repetir o verso, Patativa cria um eco que fortalece a memória e preserva a resistência e o orgulho de ser nordestino ao longo do tempo.

Patativa do Assaré evoca o espaço rural como um elemento central da memória coletiva nordestina. O poeta reforça sua conexão com a terra e a vida no campo, resgatando símbolos materiais da memória e da identidade, como o trabalho árduo na roça, a figura do vaqueiro, a caça e as condições de pobreza. Esses elementos do espaço físico não só constroem uma narrativa sobre as tradições locais, mas também reforçam a

coesão da identidade nordestina, enraizada na vivência comum dos que compartilham esse ambiente rural, mantendo vivo o sentimento de pertencimento a um grupo social e cultural.

Em outra obra de Patativa, "O Poeta da Roça", o discurso do poeta, destaca novamente a conexão do homem nordestino com espaço rural, destacando elementos materiais da memória coletiva e da identidade nordestina, como o trabalho no campo, a caça, o vaqueiro e a pobreza. E reforça coesão de identidade no grupo que ele participa.

Excerto 14 - Cordel "O poeta da roça" de Patativa do Assaré.

Sou poeta das brenha não faço o papé De argum menestrê ou errante cantô Que veve vagando com sua viola Cantando pachola à percura de amor.
---

Neste trecho, o poeta se posiciona como alguém que pertence ao sertão e canta sobre a realidade dura e concreta da vida rural, contrastando com o estereótipo de outros poetas que buscam temas românticos ou ideais. A partir da perspectiva de Halbwachs (2013), essa escolha temática reflete uma memória coletiva que valoriza o trabalho árduo, a simplicidade e a resiliência. Ao cantar "as verdades das coisas do norte", o poeta está preservando a memória social do sertanejo, que se constrói na experiência comum e compartilhada do trabalho no campo.

Essa representação das "verdades do sertão" dialoga com o conceito de memória forte de Candau (2011), onde as memórias do sofrimento, da pobreza e da luta diária são marcantes e profundamente enraizadas na coletividade do sertão. A força dessa memória reside na maneira como os elementos da vida rural (como a enxada, o suor e a terra) são descritos, reforçando a identidade coletiva do sertanejo.

Os dois cordéis explorados oferecem um retrato profundo da memória coletiva do Nordeste, utilizando-se de linguagem simples e direta para capturar as experiências vividas pela comunidade sertaneja. Como abordado por Candau (2011), as memórias coletivas são construídas e transmitidas por meio de narrativas orais e culturais, e os cordéis servem como uma ferramenta poderosa para essa transmissão.

A linguagem vista nas obras de Patativa do Assaré, é marcada pela simplicidade e conveniência, refletindo o modo de falar e de viver do povo nordestino. O uso do regionalismo e do cotidiano em seus versos é uma forma de aproxima as experiências e memórias coletivas de sua terra, reforçando a identidade cultural do sertão. Através dessa



linguagem acessível e poética, ele captura representação do homem nordestino, valorizando a resistência e a sabedoria popular do nordestino.

Eles demonstram como a memória coletiva do Nordeste é preservada por meio da tradição oral e das narrativas poéticas. Esses textos reforçam a identidade cultural do sertanejo, e ainda servem como um canal para a transmissão de valores e experiências de uma geração para outra. Ao retratar a vida rural e o contraste com a vida urbana, os poetas cordelistas reafirmam as raízes culturais e históricas do Nordeste, mantendo vivas as memórias de uma vida árdua, mas digna.

Tanto no discurso poético de Patativa do Assaré quanto no de Bráulio Bessa, a identidade nordestina é preservada através da celebração de uma vida marcada pelo trabalho árduo, sofrimento e resistência. Essa identidade vai além das características geográficas, sendo profundamente ligada às memórias coletivas que simbolizam a luta diária do povo nordestino. Dessa forma, as narrativas poéticas fortalecem a resiliência e a coesão da identidade nordestina, transmitindo-a de geração em geração.

### **3.3. A diferença: comparação entre as expressões da memória e identidade presentes no cordel**

A comparação entre as expressões da memória e a identidade nos cordéis tradicionais e contemporâneos evidencia o papel dinâmico que essas expressões cumprem na preservação e renovação da cultura nordestina. A seção “A Tradição”, que explora cordéis como “As Misérias da Época” e “Antônio Silvino”, revela como esses textos preservam uma memória coletiva estruturada em resistência e crítica social, firmando uma identidade coletiva que resiste às opressões. Já na seção “A Renovação”, com obras como “Ser Nordestino” e “Cante Lá Que Eu Canto Cá”, a memória e a identidade mantêm raízes comuns, mas adquiriram um tom de celebrações, adaptando-se aos contextos modernos e mantendo uma resiliência cultural viva.

Nos cordéis tradicionais, a memória coletiva é construída e reforçada por meio de denúncias contra injustiças sociais. “As Misérias da Época”, por exemplo, critica o aumento de impostos com uma linguagem satírica e intensa, intensificando a consciência coletiva sobre a opressão e a desigualdade que afeta o povo nordestino. Halbwachs (2013) propõe que a memória coletiva é mantida pela experiência compartilhada de um grupo, e o cordel reflete isso ao expressar e fortalecer uma identidade regional unida contra as forças externas e opressoras. Esse elemento de crítica social também se manifesta na

“Cartilha do Povo”, onde Santa Helena questiona o mito de que o povo possui “memória fraca”, enfatizando a capacidade da memória popular de resistir e desafiar as injustiças.

Por outro lado, nos cordéis contemporâneos, a memória e a identidade são reforçadas com um tom mais afirmativo e orgulhoso, como é visto em “Ser Nordestino”, de Bráulio Bessa. Nesse texto, os símbolos culturais, como o “gibão do vaqueiro” e o “sotaque arrastado”, reforçam uma coesão identitária, transformando características muitas vezes vistas de forma negativa em fontes de orgulho. A visão essencialista de Bessa sobre a identidade nordestina, que valoriza traços imutáveis e símbolos de resistência, evoca o conceito de memória forte de Candau (2011), onde memórias profundas mantêm coeso o grupo social. Aqui, o poeta reafirma que a essência do ser nordestino é uma constante de resiliência e honra, adaptada aos contextos contemporâneos.

Enquanto os cordéis tradicionais frequentemente destacam a memória coletiva através de figuras de resistência, como o cangaceiro Antônio Silvino, que representa uma resposta popular ao poder central, os cordéis contemporâneos de Patativa do Assaré e Bráulio Bessa, por sua vez, focam mais nas experiências e valores de vida cotidiana e simplicidade do sertão. Em “Cante Lá Que Eu Canto Cá”, Patativa contrapõe a vida no sertão com a vida urbana, utilizando o regionalismo e a linguagem popular para fortalecer uma identidade coletiva em oposição à cultura urbana. Segundo Stuart Hall et al. (2014), a identidade se forma pela diferença, e Patativa reforçam isso ao destacar as virtudes da vida rural em contraste com a cidade. Assim, a identidade no cordel contemporâneo de Patativa é menos sobre uma figura heroica e mais sobre a resistência cultural intrínseca ao modo de vida nordestino.

Embora ambos os estilos reforcem uma identidade coletiva e celebrem a memória do povo nordestino, os cordéis tradicionais enfatizam a denúncia e resistência frente às opressões, enquanto os contemporâneos destacam uma afirmação de orgulho e valorização dos símbolos e experiências do cotidiano. Ambas as abordagens, ao seu modo, fortalecem a resiliência cultural, demonstrando que a memória e a identidade nordestina se adaptam e se renovam, mas mantêm suas raízes na experiência coletiva e na relação com a história e o território.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa desenvolvida ao longo deste trabalho, é possível afirmar que os objetivos propostos foram cumpridos. A pesquisa investigada de forma detalhada como a memória coletiva e individual são fundamentais para a ressignificação e manutenção da identidade nordestina através dos cordéis. No decorrer da análise, constatou-se que os cordéis tradicionais de autores como Leandro Gomes de Barros e Raimundo Santa Helena, abordam temas de crítica social e resistência, elementos que dialogam diretamente com a teoria de Maurice Halbwachs (2013) sobre memória coletiva, que considera essa memória essencial para a coesão social e para a construção de uma identidade compartilhada. Cordéis como “As misérias da época” e “Antônio Silvino: o rei dos cangaceiros” não apenas denuncia a opressão e a desigualdade, mas também preservam vivências comuns e fortalecem a união e a resiliência do povo nordestino.

Ao abordar tanto os cordéis tradicionais quanto os contemporâneos, o estudo conseguiu identificar como essas expressões populares preservam e celebram a memória cultural do Nordeste, firmando, assim, uma identidade regional. No tocante aos cordéis contemporâneos, como “Cante lá que eu canto cá” e “Ser nordestino”, de Patativa do Assaré e Bráulio Bessa, respectivamente, inspiraram-se uma adaptação da memória coletiva ao contexto atual, conforme o conceito de “memória forte” de Joel Candau. Essa teoria propõe que memórias comuns e importantes mantêm o grupo social, intensificando o orgulho e a força de uma identidade coletiva. Nos cordéis contemporâneos, o Nordeste é celebrado como um espaço de pertencimento e força, onde as dificuldades se transformam em símbolos de aprendizado e identidade.

Inicialmente, os questionamentos propostos direcionaram a análise para compreender o papel do cordel na preservação da identidade cultural e histórica do Nordeste. Por meio da escrita crítica e representativa dos cordéis tradicionais, foi possível observar que a memória coletiva presente nesses textos oferece uma resistência simbólica às injustiças e adversidades enfrentadas pela população nordestina. Esse aspecto dialoga com a fundamentação teórica de que a memória coletiva é um pilar essencial para a resiliência social, perpetuando-se através de figuras emblemáticas e das narrativas de luta, como exemplificado na obra “Cartilha do povo”, de Santa Helena, que utiliza o cordel como veículo de denúncia e resgate cultural.

Por outro lado, ao analisar os cordéis contemporâneos, as disposições são uma identidade renovada na representação da nordestina, em que o foco permanece na preservação das tradições, mas com uma abordagem mais afirmativa e adaptada ao contexto atual. Estas reforçam obras de orgulho e valorização de elementos culturais e históricos do Nordeste, utilizando símbolos como o “gibão do vaqueiro” e referências icônicas, como Luiz Gonzaga, para reafirmar o sentimento de pertencimento e continuidade identitária. Esse uso de referências culturais demonstra como a memória individual e coletiva se entrelaçam, mantendo viva uma regional que se adapta e se renova com o tempo.

Em resposta à pergunta central do estudo, conclui-se que a memória coletiva e individual presente nos cordéis não apenas preserva, mas também ressignifica continuamente a identidade nordestina, adaptando-a a novos contextos e mantendo-a viva para as gerações futuras. A literatura de cordel, ao atuar como registro oral e escrito das lutas, valores e costumes do povo nordestino, estabelece-se como um elo fundamental de transmissão cultural, garantindo que uma memória coletiva seja perpetuada e que a identidade nordestina se fortaleça mesmo em meio às mudanças sociais. Além disso, essa continuidade reafirma o papel do cordel como um instrumento de identidade que transcende gerações.

Dessa forma, a análise realizada atingiu plenamente os objetivos propostos, demonstrando a relevância do cordel como veículo de memória e identidade para o Nordeste brasileiro e destacando a importância dessas narrativas na preservação da cultura regional. Ao consolidar o cordel como um espaço onde o passado dialoga com o presente, esta pesquisa reafirma o valor das narrativas poéticas para a valorização da cultura nordestina e a perpetuação da memória coletiva, fortalecendo os laços de pertencimento e identidade entre gerações.

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. DAVALLON, Jean. DURAND, Jean-Louis. PÊCHEUX, Michel. ORLANDI, Eni Puccinelli. *Papel da memória*. Pontes. Campinas-SP. 1999.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto da Poesia Pau Brasil e Manifesto Antropofágico*. Supervisão editorial: Jorge Schwartz. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2011.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino*. 18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. Introdução de Edward W. Said. Edição em português. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- BARROS, Leandro Gomes de. *Antônio Silvino: O rei dos cangaceiros*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_o\\_bra=21386](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_o_bra=21386). Acesso em: 19 out. 2024.
- BARROS, Leandro Gomes de. *Misérias da época*. Disponível em: <https://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=As%20miserias%20da%20Epoca&pesq=&pagfis=1119>. Acesso em: 19 out. 2024.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. *Decreto-lei nº 4.655, de 3 de setembro de 1942*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4655-3-setembro-1942-414600-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- DESCARTES, René. *Discours de la méthode, pour bien conduire la raison, & chercher la vérité dans les sciences*. Leiden: Jan Maire, 1637.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. traduzido por Lauren Léan Schaffter. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 2013.
- HELENA, Raimundo Santa. *Cartilha do povo*. Disponível em: <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/381>. Acesso em: 15 de setembro. 2024.
- LAVOISIER, Antoine-Laurent. *Tratado Elementar de Química*. São Paulo: Madras, 2014.

SILVA, Amanda Muniz da. *A trajetória da literatura de cordel no Brasil*. Revista Verbum (ISSN 2316-3267), v. 12, n. 2, set. 2023, p. 6-31. Disponível em: <https://www.editorapantanal.com.br>. Acesso em: 15 de setembro de 2024.

SILVA, Tomaz. (org). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVÉRIO, Alves. *Poema: Ser nordestino, por Bráulio Bessa*. Blog Silvério Alves, 08 out. 2022. Disponível em: <https://blogsilverioalves.com/cotidiano/poema-ser-nordestino-por-braulio-bessa/>. Acesso em: 15 de setembro. 2024.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por em cada momento dessa graduação estar comigo, por me permitir superar as dificuldades e chegar até aqui.

À Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, por todas as orientações e ter emprestado alguns dos seus materiais de leitura, além de todo apoio durante o curso, inspiração e dedicação.

As componentes da banca Profa. Dra. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida e Profa. Ma. Maria Lara Alves Rocha, por aceitarem o convite para um momento tão importante como este.

A todos os professores que contribuíram para o meu processo de formação intelectual e acadêmica, e por efeito, o trabalho de conclusão de curso.

A meus familiares, sobretudo meus pais, a saber, Marta Geresa de Oliveira Sousa Pereira e Calebe Pereira da Silva, que me deram todo apoio para ingressar e concluir a universidade.

A Filipe Vieira de Lima, meu namorado, por toda dedicação e apoio durante o curso e a escrita deste estudo.